KATHERINE MASTERS

Surf, criando os novos homens do mar

por Manuel Valadas Preto*

O *surf* já não é o que era... deixou de ser um desporto de nicho, com a típica imagem dos meninos de pés descalços e com tendas e caravanas às costas, rebeldes por natureza, bronzeados e sem preocupações, ou seja, inúteis e muitas vezes problemáticos para a sociedade. Em poucas gerações o *surf* desenvolveu-se e tornou-se uma atividade com muito potencial, social e económico. Mas a ameaça a este bem oferecido pela natureza, que são as ondas, continua, apesar das muitas atenções que atrai.

Neste momento, o *surf* é um desporto de forte caráter social, praticado por várias faixas etárias e sócio-económicas. Em alguns concelhos, como Peniche ou Cascais, o *surf* faz parte dos desportos mais praticados, ao nível dos desportos populares, como o futebol ou o atletismo (e ao contrário destes, a custo quase-zero para as autarquias). O turista de *surf* é também um segmento de alta rentabilidade com baixos investimentos e, por isso, uma boa aposta para incentivar a economia nacional em tempo de crise. Entre os vários tipos de turista, existem os "profissionais" do *surf* e os "*soul-surfers*" (viajantes que se dedicam ao *surf* só pelo prazer) - são turistas que gastam pouco e ocupam o recurso limitado que são as ondas. Mas existe um outro segmento turista de *surf* de grande valor económico e baixo impacto, que cresce rapidamente: são os iniciados em *surf*, que costumam ser jovens quadros em inicio de carreira, com um considerável rendimento disponível, sem família e com suficiente tempo para férias, que procuram desportos radicais, talvez como uma alternativa aos desportos de inverno. Este segmento, se tiver acesso a uma oferta diversificada, de experiências de natureza, gastronómicas ou culturais, é uma mais-valia para os destinos de *surf*; costumam ter estadias mais prolongadas (1 a 2 semanas), têm maior necessidade de material e serviços, repetem os destinos e não ocupam grandemente as ondas.

Não é por acaso que o Turismo de Portugal patrocina eventos internacionais de *surf* ou que as linhas aéreas, como a SATA ou a TAP, usam o *surf* na sua comunicação de marketing (mas que por outro lado, taxam o transporte de pranchas a preços proibitivos, sendo acusadas pelos surfistas de serem *freeriders* do desporto, prejudicam para benefício próprio).

O golfe, antes da crise e das acusações de anti-ambientalista, foi considerado um desporto estratégico para o turismo do país. Mas, como se vê com esta crise, a vantagem competitiva para Portugal é menor: se em quase qualquer região se pode construir um campo de golfe (ou um museu, ou mesmo uma marina) bastando para isso terreno, alguma água e bom tempo, as ondas só existem única e exclusivamente onde a natureza o quis. As ondas para o *surf* não se constroem, ou já existem e são preservadas, ou não se surfa. E é por isso que a grande vantagem competitiva de Portugal no *surf* – é indiscutivelmente o melhor destino na Europa – não pode ser copiada ou retirada. Na rica Europa, para além de Portugal, apenas as costas Atlânticas de Espanha, França e Irlanda têm boas ondas, mas o seu clima é demasiado agreste, até para jovens turistas oriundos de países frios. Marrocos e Cabo Verde ficam algo longe e são desconfortáveis em termos de saúde e segurança. Todos os outros bons destinos ficam demasiado longe para um fim de semana longo, ou mesmo uma semana.

Enquanto alguns concelhos promovem o *surf* para desenvolver o seu turismo, como Peniche ou a Nazaré, que patrocinou o McNamara, um surfista de ondas grandes, e com isso conseguiu um vídeo que colocou a região a ser mencionada em mais de 10 milhões de visualizações na internet (valor que pode explodir se a onda surfada ganhar o prémio Billabong XXL *Global Big Wave Awards*), outros concelhos, como é o caso da Figueira da Foz, Ericeira ou as Ilhas, usam o *surf* como forma de atrair uma população profissional de alto potencial, ao mesmo tempo que formam uma cultura de mar amiga do ambiente.

Outra prova do valor social do *surf*, é a quantidade de pais que confiam os seus filhos a escolas de *surf*. É um claro indicador que consideram esta a melhor forma de por os seus filhos a fazer um desporto saudável, não demasiado caro, que ao mesmo tempo desenvolva o respeito pela natureza sem grandes riscos. Definitivamente os tempos mudaram, há 20 anos os pais queriam era os filhos bem longe do mar.

Também não é por acaso que várias entidades, como a Universidade Nova, a Câmara Municipal de Peniche, a Experimenta Design, entre outros, juntamente com a SOS, se uniram num dos mais exaustivos estudos do valor das ondas, num projeto denominado VoW (*Value of Waves and Ocean Culture*). O objetivo é quantificar o valor ambiental, económico e sócio-cultural do *surf* e do desenvolvimento costeiro, e os resultados visam ajudar os decisores locais, organizações não-governamentais, investidores e público em geral no reconhecimento do valor intrínseco associado às zonas de *surf*, garantindo o planeamento e implementação de medidas de preservação dos oceanos, promovendo sectores como o turismo de qualidade e a economia do mar.

É que o *surf* tem outro importante atrativo que o coloca na mira de muitas entidades governamentais: é uma atividade de muito baixo investimento! Ideal nesta altura de crise, aliás, até porque o *surf*, como indústria de entretenimento, é relativamente imune a crises: surfa-se mais quanto mais tempo livre se tiver.

Na verdade, o *surf* até chega ao extremo de pedir que não se façam investimentos para que as ondas sejam preservadas! É o caso dos famosos esporões, muito na moda há 10 anos, ou as extensões de molhes portuários, que ignoram não só os banhistas mas também surfistas e zonas protegidas. Em Rabo de Peixe, nos Açores (uma das regiões mais pobres da Europa), ao mesmo tempo que a EFTA doa 23 milhões para a construção de piscinas e recintos desportivos para desenvolvimento social, uma excelente onda de aprendizagem para a população local está em risco de ser destruída, o que não faz nenhum sentido: destrói-se o que a natureza ofereceu e mantém, e gasta-se dinheiro no mesmo local a construir instalações desportivas.

Quando explicamos o que faz a SOS -Salvem O *Surf* - associação que tem como missão proteger, preservar e potenciar as ondas na orla costeira, a inevitável pergunta que se segue é "porque é necessário salvar ondas?"

Na realidade, o salvamento de ondas já não é o que era há 10 anos, quando a SOS se formou. Nessa altura, as suas ações eram mais reativas, dando apoio essencialmente técnico para contrapor ameaças na forma de construções mal projetadas e em adiantada fase de projeto, como a construção de esporões ou molhes, obras que por vezes têm objetivos meramente mediáticos e políticos, mas que iriam afetar ondas de alta qualidade (como Sto Amaro de Oeiras, Carcavelos, Costa da Caparica e Figueira da Foz). Hoje a sua ação é mais preventiva e de desenvolvimento do desporto, nas suas vertentes económicas, sociais e culturais. O trabalho resultou e passámos de uma média de uma onda de qualidade mundial perdida por ano a duas ondas afetadas por década (nenhuma completamente perdida).

KATHERINE MASTERS

As ondas que permitem o *surf* são escassas e ocorrem menos frequentemente do que os surfistas gostariam. Para que uma onda possa ser surfada, é necessária uma conjunção de fenómenos: a ondulação (*swell*) tem de atingir a costa e o local em questão com uma certa direção, e com uma energia (altura e período) perfeitas, o fundo onde vai quebrar tem de ser tal que permita que a onda quebre de forma ordenada e progressiva e o vento tem de ser inexistente ou soprar na direção oposta à onda (para aguentar a crista e atrasar ao máximo a sua quebra, mantendo a sua energia até mais tarde), o surfista tem de conseguir aceder à onda e sair dela em segurança. E cada pico tem as suas características e funciona com limitadas condições (quando Sto Amaro funciona, a Praia Grande ou Ericeira estão normalmente insurfáveis). São demasiadas variáveis para que as ondas ocorram sempre que se quer, e isso faz das ondas bens naturais de grande valor, a preservar a todo o custo. São uma dádiva da natureza, que as constrói e as mantém.

O desenvolvimento do *surf* faz todo o sentido para um país oceânico como Portugal. Não é por acaso que as regiões com maiores tradições de mar, especialmente na pesca, sejam também aquelas que mais apostam no *surf* como evolução natural da sua economia e cultura. O *surf* é efetivamente a ponte ideal entre o mar e a urbe. Apesar de os surfistas não serem bem pessoas do mar, são pessoas da costa oceânica que herdaram as características mais nobres dos marinheiros, pois são uma comunidade com um perfil de retribuição à natureza e à sociedade; além de protetores do meio natural que usam para relaxar e desfrutar, contribuem enormemente para a segurança com os salvamentos nas praias.

É raro ocorrerem acidentes nas praias frequentadas por surfistas; basta pensar no Guincho, uma das praias mais agressivas do país, que não tem um acidente mortal com banhistas há mais de 10 anos. Os surfistas substituem os salvadores, especialmente fora da época balnear, quando estes ainda não estão presentes, ou fora das horas de vigilância. Tornou-se famosa a soalheira Páscoa de 2011 quando os surfistas retiraram das águas da praia de Carcavelos mais de 50 pessoas arrastadas pelos agueiros. Aliás, em alguns países o corpo de nadadores-salvadores é constituído essencialmente por surfistas especialmente treinados para o resgate e salvamento. Seria interessante o Instituto de Socorros a Náufragos oferecer cursos básicos a surfistas para evitar os desastres da Praia das Maçãs ou da Costa da Caparica do verão passado, quando a comunidade não se apercebeu atempadamente de pessoas em dificuldade e estas acabaram por se afogar, e para evitar que os "salvadores de emergência" fiquem também lá em dias mais problemáticos. Dar aos surfistas noções básicas de técnicas de comunicação, salvamento e suporte básico de vida é uma sugestão.

A aposta no *surf* como veículo social e económico deve continuar, mas para ser efetiva e sustentável, a proteção da nossa orla costeira, e das suas valiosas ondas, têm de se enraizar ainda mais na opinião pública. Continuar a divulgação deste bem único com o qual Portugal foi brindado é uma obrigação de todos, especialmente das pessoas do mar como são os leitores desta revista.

Vice-Presidente da SOS – Salvem o *Surf
Créditos das fotos: Katherine Masters